A BANDEIRA DA "TERRA PARA TODOS" SE LEVANTA E RESISTE EM MEIO A VENTOS DEVASTADORES

O movimento ecumênico na amazônia paraense. Observações e reflexões

Dirk Oesselmann

Amazônia – imensas riquezas de recursos ambientais, por um lado, destruição, pobreza e conflitos sangrentos, pelo outro. A região, cheia de contrastes, está na pauta internacional. Dizem que atualmente é o segundo tema da humanidade, objeto de estudos e interesses para apropriar-se de seu potencial.

Os grandes megaprojetos, que visam a exploração das riquezas amazônicas, nunca consideraram a população nativa. Degradada a um elemento dentro de uma estratégia de acúmulo de riquezas, o povo amazônico não desfruta e nunca desfrutou dos benefícios desse tipo de desenvolvimento, apenas sofre com as conseqüências dos seus efeitos colaterais devastadores.

Amazônia – um campo de batalha para conquistar a terra: a imposição de interesses poderosos de multinacionais e ruralistas contra a busca desesperadora da população nativa, dos sem-terra e sem-nada por condições mínimas de sobrevida.

O campo religioso não pode ficar alheio a este conflito. Segmentos das igrejas estão presentes e coadjuvando de uma forma ou de outra: ou legitimando a ordem social pela sua omissão política, ou se revoltando contra a injustiça e a devastação. O primeiro grupo tende a assegurar prioritariamente a manutenção e promoção institucional, fechando-se num corpo doutrinário que estabelece claramente linhas divisórias eclesiais e sociais. O segundo grupo entende a sua missão como posicionamento insistente em favor da dignidade humana para todos. Entre indignação diante da crueldade das diversas formas de exclusão e sempre-novos desenhos da utopia-promessa, pessoas e grupos movimentam-se na direção de construir ilhas de acolhida aos excluídos.

Quase todas essas iniciativas trazem em si um espírito ecumênico, no qual a preocupação pela terra como casa para todas as manifestações de vida supera e relativiza divisões confessionais e eclesiais. No Pará, como em outros lugares do mundo, o movimento ecumênico se iniciou e se alimenta justamente pelos dois momentos acima citados: a indignação e a utopia. Um momento marcante da indignação foi, no início dos anos 80, a prisão dos padres e agricultores do Araguaia que fez surgir o Movimento pela Libertação dos Presos do Araguaia (MLPA). Uma outra onda de indignação entre os cristãos, em torno do massacre do Eldorado dos Carajás, motivou a criação do Conselho Amazônico de Igrejas Cristãs (CAIC). Com ele, o movimento ecumênico recebeu um ponto de referência decisivo que consegue potencializar todos os segmentos espalhados em favor da "dignidade humana e paz". Com o respaldo da Campanha da

Fraternidade 2000 dentro desse espírito, o CAIC não agiu apenas como espaço de articulação de ações, mas fortaleceu e divulgou entre as diversas igrejas uma visão que, em meio a tendências excludentes de um estreitamento confessional, resgata a compreensão a partir do horizonte includente da terra para todos. Mesmo que essa ótica não seja nova, ela representa, na atual conjuntura de fragmentação, um contraponto importante na medida em que desperta a inclusão da totalidade da vida como referencial para o ser cristão, mas também para o ser social e político.

O ecumenismo não se apresenta como uma nova denominação religiosa, mas representa um despertar de cristãos pelo compromisso com a dignidade da pessoa e com a justiça social. Assim, procura (re-)estabelecer o paradigma holístico da "*terra*"[1] relacionando-o com a exigência ética da "*casa comum*". A partir deste horizonte convoca o mundo inteiro – e em particular os cristãos e as igrejas cristãs – para uma superação daquilo que destrói, separa e exclui, em vista de uma mudança radical e profunda nas relações humanas. Neste sentido, o ecumenismo, como paradigma de vida, não pretende dar respostas concretas ou receitas aos desafios do mundo atual, mas incentiva a busca e a aprendizagem de formular visões inovadoras e produzir conhecimentos capazes de pensar alternativas e caminhos em circunstâncias complexas dentro de um horizonte utópico e esperançoso, da casa para toda a terra habitada. Nesse horizonte unem-se terra e céu como ponto unificador que orienta o caminhar e o pensar. Percebe-se a importância de um projeto comum de justiça e dignidade global para os dias de hoje a partir do *paradigma terra = casa comum*.

> "O ser humano, na sua aventura evolucionária, foi se afastando lentamente de sua casa comum, a Terra. Foi quebrando os laços de coexistência com os demais seres."[2]

O redesenho da utopia começa para nós cristãos com os textos bíblicos. Existem muitos trechos da Bíblia que falam do ecumenismo, nem sempre citando a palavra, mas como conteúdo, apontando para o projeto de Deus na terra, norteando as relações de tudo que há na terra a partir do criador universal: as relações do ser humano consigo mesmo, com os outros seres humanos e com o universo da criação.

Em seguida, queremos partilhar alguns textos bíblicos que norteiam a nossa reflexão nesse momento histórico de levantar a bandeira da "terra para todos" em meio aos ventos de devastação.

Isaías 2,1-5

> [2]Dias virão em que o monte da casa de Jahweh será estabelecido no mais alto das montanhas e se alçará acima de todos os outeiros. A ele acorrerão todas as nações, [3]muitos povos virão, dizendo: "Vinde, subamos ao monte de Jahweh, à casa do Deus de Jacó, para que ele nos instrua a respeito dos seus caminhos e assim andemos nas suas veredas." ... [4]Ele julgará as nações, ele corrigirá a muitos

1. Veja Boff, Leonardo, *Princípio-terra – A volta à terra como pátria comum*. São Paulo: Ática, 1995.
2. Boff, Leonardo, *op. cit.*, p. 32.

> povos. Estes quebrarão as suas espadas, transformando-as em relhas, e as suas lanças, a fim de fazerem podadeiras. Uma nação não levantará a espada contra a outra, e nem se aprenderá mais a fazer guerra.

O profeta Isaías retrata a visão de uma instância universal para todos os povos, tendo, ao mesmo tempo, a autoridade de julgar todas as nações. Esta instância se baseia não numa organização humana, mas nos princípios daquele que tudo criou. São princípios claros que, como utopia, continuam sendo um desafio central para os dias de hoje: a vida prevalece em tudo – os instrumentos da morte e da destruição serão transformados em instrumentos que produzem alimento, a arte da guerra desaparecerá e as nações conviverão em paz.

Mesmo assim, essas imagens parecem irreais diante dos conflitos atuais, repletos de guerras, violências e destruições. Princípios da organização econômica (a lei do mercado livre) e política (a lei do mais forte) determinam a direção do andar global da humanidade. As pessoas e as instituições humanas se relacionam numa concorrência violenta, batalhando por mais poder para si, esmagando o outro. As instâncias internacionais para julgar ou nortear a convivência das nações, como a ONU, são fragilizadas ou subordinadas aos interesses dos países mais poderosos. O mundo corre o sério risco de se autodestruir.

O futuro dos seres humanos depende de como estes assumem e fazem prevalecer princípios universais de vida, rompendo com a lógica econômica e política vigente. Para que isso aconteça é preciso que os seres humanos se dêem conta de que fazem parte de algo maior, de que são parte da criação e não donos dela. Sendo julgados pelas conseqüências da nossa própria atuação, temos que tomar consciência de que somos responsáveis pelos nossos atos. O ser humano destrói o próprio ser humano. O ser humano devasta a sua própria base de vida, a criação.

Porém, o texto desenha um cenário positivo e inverte com isso as projeções dramáticas do futuro. Quem descarta esta utopia simplesmente como ilusão entrega-se à desistência. Torna-se objeto do jogo de poder e acomoda-se com a situação existente. O texto provoca uma visão mais ampla e esperançosa de que o mundo não está sem saída e evoca a possibilidade de que o ser humano tem a capacidade de mudar a situação, sim. Nesta dimensão, o v. 4 deste texto se tornou o lema central do movimento pela paz que mobilizou no início dos anos 80, na Europa, milhões de pessoas contra a instalação de novos armamentos.

João 17,20-23

> [20]Eu não te peço só por estes, mas também por aqueles que vão acreditar em mim por causa da palavra deles, [21]para que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti. E para que também eles estejam em nós, a fim de que o mundo acredite que tu me enviaste. [22]Eu mesmo dei a eles a glória que tu me deste, para que eles sejam um, como nós somos um. [23]Eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade, e para que o mundo reconheça que tu me enviaste e que os amaste, como amaste a mim.

Estes versículos são os últimos da oração sacerdotal de Jesus. É a oração que ele pronunciou no final da sua missão na terra, sendo entregue ao julgamento e encarando a morte. O fim e a despedida são sempre momentos em que as coisas mais importantes e mais profundas são ditas, a essência de tudo aquilo que se quer deixar para os que continuam e permanecem na mesma missão.

No centro destas palavras está a unidade, mencionada três vezes neste pequeno trecho: *que todos sejam um... para que eles sejam um... para que sejam perfeitos na unidade.* A unidade está sendo formulada como missão que é universal, não conhece fronteiras ou grupos exclusivistas de salvos. A preocupação e o direcionamento da mensagem é a totalidade. Mais ainda, o texto deixa claro que da dimensão da unidade depende a credibilidade da mensagem em sua essência. Através do testemunho de complementar-se numa união, o mundo vai acreditar e reconhecer o amor de Deus com todos. As palavras ganham a força da Boa-Nova, do Evangelho para o mundo na medida em que todos se tornem uma unidade.

Nesta oração, a unidade ainda é um pedido, um desejo, uma súplica e uma esperança que seja assim. Jesus sabe da dificuldade deste pedido e insiste nele diversas vezes. Ele provoca e desafia os ouvintes, aqueles que queiram seguir esta missão, até hoje. Ao mesmo tempo, Jesus encontra na sua relação com Deus um referencial para a unidade de todos: *como tu estás em mim e eu em ti... como nós somos um... como amaste a mim.* A unidade representa um pedido insistente, mas não é algo impossível, algo de que se fala mas que não se realiza. Jesus viveu esta unidade com Deus, tirou dela a força e a qualidade do seu exemplo de vida e a deixa como herança para o mundo.

A utopia que se formula a partir do desejo ecumênico tem a sua essência na unidade universal de todos os seres humanos e todas as criaturas. Não é uma imagem sonhada longe da realidade, mas, pelo contrário, uma esperança que se torna concreta na medida em que ela se torne real e se espalhe nas relações entre as pessoas. O exemplo de Jesus quer capacitar outros a darem exemplos e testemunhos da unidade que dão a verdadeira autoridade a esta utopia. O desejo ecumênico de que todos sejam realmente um não é ilusão, pois é possível realizá-lo em qualquer relação que supere a divisão em amor. A utopia indica um caminho para chegar a ela, tanto no cotidiano micro das pessoas como nas estruturas macro da organização humana da convivência.

Estas relações do micro e do macro são mais especificadas na imagem do corpo na **primeira carta de Paulo aos Coríntios, capítulo 12,12-27**:

> [12]De fato, o corpo é um só, mas tem muitos membros; e no entanto, apesar de serem muitos, todos os membros do corpo formam um só corpo. Assim acontece também com Cristo. [13]Pois todos fomos batizados num só Espírito para sermos um só corpo, quer sejamos judeus ou gregos, quer escravos ou livres. E todos bebemos de um só Espírito. [14]O corpo não é feito de um só membro, mas de muitos. [15]Se o pé diz: "Eu não sou mão; logo, não pertenço ao corpo", nem por isso deixa de fazer parte do corpo. [16]E se o ouvido diz: "Eu não sou olho; logo, não pertenço ao corpo", nem por isso deixa de fazer parte do corpo. [17]Se o corpo inteiro fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo ele fosse ouvido, onde estaria o olfato? [18]Deus é quem dispôs cada um dos membros no corpo, segundo a sua vontade.

> [19]Se o conjunto fosse um só membro, onde estaria o corpo? [20]Há, portanto, muitos membros, mas um só corpo. [21]O olho não pode dizer à mão: "Não preciso de você; e a cabeça não pode dizer aos pés: "Não preciso de vocês." [22]Os membros do corpo que parecem mais fracos são os mais necessários; [23]e aqueles membros do corpo que parecem menos dignos de honra são os que cercamos de maior honra; e os nossos membros que são menos decentes, nós os tratamos com maior decência; [24]os que são decentes não precisam desses cuidados. Deus dispôs o corpo de modo a conceder maior honra ao que é menos nobre, [25]a fim de que não haja divisão no corpo, mas os membros tenham igual cuidado uns para com os outros. [26]Se um membro sofre, todos os membros participam do seu sofrimento; se um membro é honrado, todos os membros participam de sua alegria. [27]Ora, vocês são o corpo de Cristo e são membros dele, cada um no seu lugar.

Unidade significa formar um corpo, um conjunto onde tudo interage com tudo. Estar unido não é a mesma coisa que ser unificado, mas cada um faz parte com a sua especificidade no conjunto, ou melhor, cada um tem a sua participação ativa e necessária. Somente na diversidade das capacidades dos seus membros e na multiplicidade das potencialidades, o corpo começa a viver.

São relações de complementaridade, não podendo haver hierarquia, nem dominação, nem exploração. A vida se implanta na sua integralidade na medida em que um membro serve ao outro, na medida em que todos os membros servem e formam um conjunto integrado. Ao contrário, a fragmentação e o isolamento dos membros enfraquece a sua ação, a sua vida.

São relações de solidariedade, não podendo haver omissão, nem exclusão. Quando um sofre, todos sofrem junto, o corpo fica doente. Por isso, a atenção maior e prioritária sempre se volta aos membros mais fracos, que mais dependem de cuidados específicos. Somente assim, o corpo mantém a sua saúde e a sua potencialidade de agir e pensar.

Esta imagem é simples e clara, porque todos conhecemos o nosso próprio corpo, sabemos como ele reage e funciona: a preocupação com as partes mais vulneráveis, a importância do equilíbrio do todo. A utopia de um relacionamento respeitoso e justo entre os seres humanos tem que ganhar "corpo" dentro e a partir das relações quotidianas no micro que se multiplicam em novas propostas de estruturas macro da sociedade humana. A utopia se torna uma postura de vida de cada indivíduo, de cada grupo e organização e de cada sociedade, se considerando como parte de um corpo maior, em vez de querer se aproveitar ao máximo em benefício próprio às custas dos demais.

Falta ainda destacar o Espírito do corpo: a energia de se aproximar do outro que é diferente e de curar os machucados, a grandeza de sonhar com o todo e a esperança de que a vida vai prevalecer, mesmo lutando contra ameaças constantes de morte.

É um Espírito que derruba as divisões e implanta o novo homem:

> [14]Cristo é a nossa paz. De dois povos, ele fez um só. Na sua carne derrubou o muro da separação: o ódio. [15]Aboliu a Lei dos mandamentos e preceitos. Ele quis, a partir do judeu e do pagão, criar em si mesmo um homem novo, estabelecendo a paz. [16]Quis reconciliá-los com Deus num só corpo, por meio da cruz; foi nela que Cristo matou o ódio. [17]Ele veio anunciar a paz para vocês que estavam longe, e a paz para aqueles que estavam perto. [18]Por meio de Cristo podemos, uns e outros, apresentar-nos diante do Pai, num só Espírito. [19]Vocês, portanto, já não são estrangeiros nem hóspedes, mas concidadãos do povo de Deus e membros da família de Deus.

Até hoje, a utopia ecumênica enfrenta muros de separação entre pessoas, entre grupos, entre poderosos e subordinados, entre povos. O ser humano precisa de uma sacudida, precisa se renovar para superar o ódio. O ódio é uma violência interna contra o outro que se apresenta como rival ou ameaça, é uma rejeição do outro que é considerado antipático ou ignorante. O ódio é a manifestação de um corpo doente que procura machucar outros corpos em vez de buscar a cura para si mesmo. O ódio é uma relação violenta e doentia de destruição.

Estes seres humanos têm que renascer a partir do Espírito da paz que contrapõe à violência uma qualidade de relações radicalmente oposta: a vontade de construir um equilíbrio dentro de si e junto com os outros, o amor de enxergar as pessoas em sua volta como irmãs e irmãos que provavelmente perseguem sonhos e utopias parecidos, porém cercados por muros.

A renovação do ser humano passa necessariamente pela derrubada de muros que podem ser morais e culturais, pela superação de barreiras históricas e pela desconstrução de preconceitos e ideologias que implantam nas pessoas o ódio. Ao mesmo tempo, a paz consegue ser vislumbrada e realizada justamente através da aproximação das pessoas pelas utopias e esperanças, pensadas individualmente, formuladas conjuntamente e partilhadas na construção de alternativas, passo a passo.

O ecumenismo incentiva a formulação de utopias nos dias de hoje, insistindo em princípios de vida que se transmitem nelas e na qualidade do processo coletivo.

Na busca de um diálogo com os diversos grupos engajados na construção de um mundo habitável para todas as pessoas e povos, com dignidade, nós cristãos podemos dar um testemunho decisivo para que essa utopia ganhe a força de um referencial inovador de vida, capaz de mobilizar as sociedades em torno de um objetivo comum, ultrapassando os limites do cristianismo, mas tendo a missão cristã como a nossa inspiração e motivação.

Dirk Oesselmann
Av. Senador Lemos, 557
Belém/PA
66050-000